



Futebol e bairros populares: o caso do Villas Unidas

Por Paula Veliz e Chen Jie, para a RAÍZES.

26/02/2025

O esporte tem um papel fundamental no desenvolvimento das pessoas e, no caso da Argentina, o futebol é particularmente importante devido ao seu caráter popular. Em novembro de 2018, nasceu um tipo diferente de clube, projetado para a integração social das pessoas mais desfavorecidas do país: contamos a história do Villas Unidas.

Argentina e futebol

A Argentina respira futebol. A maré de cinco milhões de pessoas que inundaram as ruas de Buenos Aires para receber a seleção nacional após sua consagração na última Copa do Mundo, de 2022, é prova disso. Não é apenas um jogo, é um fenômeno cultural, uma paixão que não faz distinção de regiões, classes sociais ou gêneros. Lá, os jogadores de futebol profissionais são heróis e estrelas. Quando vestem a camisa azul e branca, das cores da Argentina, eles carregam o peso de uma nação que sonha em resolver conflitos geopolíticos como o das Malvinas em um campo de futebol e



também são os arquitetos das mais profundas alegrias coletivas em um país que parece estar sempre à beira do colapso.



Crianças brincando em "Los Gauchitos", Villa Fiorito (Buenos Aires, Argentina)

A seleção nacional é a ponta do iceberg, o topo de uma montanha que milhões de jovens sonham em alcançar todos os dias. Os grandes clubes da primeira divisão do futebol argentino são muitas vezes o trampolim para os sonhos da Copa do Mundo e das seleções nacionais. Mas quando observamos os estágios iniciais e de treinamento de cada jogador, uma constante pode ser notada: os clubes de bairro; geralmente acompanhada de outra constante: o fato de os jogadores pertencerem a setores populares.

A gênese

"Uma vez me ocorreu perguntar a mim mesmo: o que os bairros da classe trabalhadora, onde os melhores jogadores da história do futebol argentino foram treinados, estavam recebendo? Quanto, das enormes quantias de dinheiro que eles produziam, voltava para seus bairros?". O questionamento de Fernando Signorini era o de uma pessoa que testemunhou a ascensão vertiginosa de garotos humildes rumo ao estrelato mundial, muitas vezes privados de ferramentas e apoio, explorados pelo negócio multimilionário do futebol de elite. Em sua carreira profissional, ele trabalhou



com jogadores como Messi, Riquelme, Tevez, Mascherano e, por mais de dez anos, foi o preparador físico pessoal de Diego Maradona. "Sou alto, loiro e tenho olhos azuis claros, mas devo tudo isso a um menino negro da favela", disse Signorini.

As realidades que Signorini testemunhou ao longo de sua carreira e sua vocação social foram a semente necessária para desenvolver um tipo diferente de clube. Para isso, ele contou com cúmplices do porte do falecido Cesar Luis Menotti (técnico da seleção argentina que venceu a Copa do Mundo de 1978) e sua Escola de Coaching Profissional. Com experiência técnica garantida, eles entenderam que, para concretizar sua ideia, precisavam conhecer aqueles que estão em contato diário com a realidade que queriam mudar. Assim, mais de quatro anos depois, a ideia de Signorini, apoiada na época por Menotti (que faleceu em 5 de maio de 2024), encontrou o trabalho diário de organizações sociais e clubes de bairro.

O objetivo era claro: devolver aos bairros populares um pouco do que eles haviam dado ao futebol. Como? Formando um clube destinado a crianças e jovens de bairros populares, onde o esporte é um meio de transformar a realidade e onde os benefícios futuros retornam aos bairros.

O Clube e seu contexto

O Villas Unidas se apresenta como um clube que gera espaços para o desenvolvimento integral de crianças e jovens de bairros pobres apoiados pelo esporte.

Os bairros populares, coloquialmente conhecidos como "vilas", são o resultado de um processo histórico de migração interna. As classes menos abastadas, em busca de trabalho e de uma melhor qualidade de vida, estabeleceram-se nas periferias das grandes cidades em condições precárias, sem acesso a serviços básicos e com irregularidades na posse da terra. Nesse contexto, foram e continuam sendo as organizações sociais que suprem a ausência do Estado.

Na Argentina, há mais de 4.700 bairros populares, dos quais 4.300 têm um campo de futebol. Qualquer espaço aberto é uma boa oportunidade para preparar um "picadito" com a bola. Embora as condições estejam longe de ser ideais, a simplicidade desse esporte talvez seja o que o torna tão popular: uma bola e algumas marcas que funcionam como gols são suficientes para iniciar o jogo e as pessoas começarem a se divertir.

Pensar em um clube de futebol que, por sua vez, reúne vários clubes menores e, ao mesmo tempo, beneficia os bairros da classe trabalhadora, é uma ideia complexa que resulta em uma estrutura ainda mais complexa. O Villas Unidas começou com uma



sede de clube em um bairro pobre na cidade de Aldo Bonzi (La Matanza, Buenos Aires) e depois incorporou clubes novos e preexistentes em diferentes províncias da Argentina para formar uma rede de mais de 20 localidades. Cada clube é administrado localmente, mas a marca social, os objetivos e os valores são os mesmos.

O fator social

O Villas Unidas é um projeto esportivo baseado na inclusão social que busca romper com o paradigma comercial do futebol para gerar um paradigma diferente que priorize as pessoas. As organizações sociais que trabalham em bairros pobres enfrentam diariamente flagelos como a desnutrição e a dificuldade de acesso à educação e à saúde de qualidade. Por esse motivo, o clube trabalha não apenas com seus atletas, mas também com suas famílias em áreas como saúde integral, formação educacional, consumo problemático de drogas e igualdade de gênero a partir de uma perspectiva comunitária.



Atletas do Villas Unidas participam de workshop sobre nutrição esportiva.

No Villas Unidas, há uma premissa clara: formar jogadores equipados com várias ferramentas para alcançar o profissionalismo sem serem explorados, mas, ao mesmo



tempo, dar a mesma importância ao treinamento pessoal e ao acompanhamento de esportistas que não se tornam jogadores de futebol profissionais, para que não se tornem vítimas da exclusão e alcancem condições de vida dignas por meio do trabalho. Oficinas comerciais e cursos para completar a educação obrigatória são exemplos claros disso e são comuns nas instalações do clube. Outra característica é uma definição que é uma novidade no mundo do futebol argentino e que foi incluída em seu estatuto: o dinheiro da venda de jogadores formados no Villas Unidas, bem como o dinheiro correspondente aos direitos de formação que corresponde a cada transferência de acordo com os regulamentos da FIFA, não irá para o clube, mas será destinado a obras que beneficiem o bairro de origem do jogador. Um círculo virtuoso em que as bases finalmente ganham.

Mulheres na primeira divisão

O movimento feminista na Argentina é um dos mais importantes do continente, mas a desigualdade e a violência que as mulheres ainda sofrem em muitas áreas são muito marcantes. O futebol não é exceção e, embora tenha havido um progresso significativo nos últimos anos, o reconhecimento como profissionais ainda é uma luta para muitas jogadoras.

Hoje o Villas Unidas tem uma equipe feminina consolidada, que joga na Primeira Divisão C do torneio da Associação de Futebol Argentino (AFA), mas o início não foi fácil. Muitas das jogadoras viajavam longas horas para chegar aos treinos, que, por falta de espaço próprio, eram realizados em praças públicas ou centros esportivos municipais sem boa iluminação ou infraestrutura. Além disso, a maioria dos jogadores tinha que conciliar o trabalho, os estudos e, em alguns casos, até mesmo a criação dos filhos, com a paixão pelo futebol. Mas o esforço valeu a pena e, por meio de um acordo intermediado pelo clube, eles conseguiram emprestar dois campos iluminados para os treinos diários.

A diretoria do Villas Unidas sabia que, quando o talento feminino não era o fator limitante, as oportunidades e a administração eram cruciais. Assim, apenas um ano após sua constituição, eles conseguiram que a AFA convidasse o clube para participar da Primera División C do campeonato nacional. Um ano depois, elas também incorporaram as divisões inferiores. A hierarquia dessa conquista resulta em um diferencial não apenas para o clube, mas também para todos os seus jogadores.

Hoje, a primeira equipe feminina compete no torneio regularmente, jogando contra todas as equipes de sua divisão e competindo em igualdade de condições com clubes que têm uma estrutura muito mais importante e consolidada. No entanto, em 2023, o time iniciou sua quarta temporada consecutiva na "Primera C" do futebol da AFA,



tendo alcançado o objetivo de manter seu status nas três temporadas anteriores. Um processo de consolidação sustentada e progresso gradual.



Equipo femenino de Villas Unidas

Exemplo de um capitão

Quando era adolescente, Adriana Arteaga Vilca migrou do Peru para a Argentina. Como ela, quase 80% dos migrantes que chegam ao país vêm de países vizinhos e do Peru e se estabelecem em bairros pobres da província de Buenos Aires. Villas Unidas tem o privilégio de ser nutrida por essa diversidade e Adriana foi um de seus membros mais orgulhosos. Seu primeiro clube na Argentina foi um dos chamados "grandes clubes": o Independiente de Avellaneda, seguido pelo Excursionistas, onde ela conheceu Gustavo Levine, ex-técnico do Villas Unidas, e não hesitou em seguir seu caminho para esse clube.

Graças ao seu desempenho e temperança, Adriana usou a braçadeira de capitã da equipe feminina e, há alguns anos, foi convocada para a equipe nacional sub-20 do Peru.



As características do futebol feminino atual implicam grandes desafios para essas situações, pois as equipes nacionais geralmente não cobrem as despesas de viagem e diárias das jogadoras. Mas o Villas Unidas sabia o que essa oportunidade significava para sua jogadora e para a equipe em geral, e fez todos os preparativos e esforços necessários para que ela pudesse viajar e finalmente estreiar com as cores de seu país em um amistoso contra a seleção brasileira.

Na época, Adriana disse que sua participação não teria sido possível sem o apoio do Clube quando ela fazia parte da equipe. O Villas Unidas acreditava que o principal motivo era a capacidade da própria jogadora, com um nível de prestígio para as competições de futebol feminino promovidas.



Adriana Artega, capitã do Villas Unidas.

Continuando a crescer

O jogo do Villas Unidas parece ter apenas começado. O clube está em seu sétimo ano de vida e o desejo de crescer é forte. No curto prazo, eles sonham em ter suas próprias instalações para poder desenvolver mais atividades sociais e esportivas, por exemplo, para poder receber jovens de outros locais do interior do país que queiram jogar no local associado à AFA. E pensando a médio prazo, o compromisso de melhorar o



desempenho esportivo é considerado estratégico para esse clube, que pretende que seus jogadores sejam o espelho de muitas crianças e o orgulho de todos os vilarejos.

Enquanto a bola continuar rolando, o clube continuará lutando e, pouco antes do apito final, o Villas Unidas vencerá!

Agradecimentos

A RAÍZES agradece especialmente a Fabio Romanella e Laura Pugliese, ex-presidente e ex-coordenadora de Relações Institucionais do Clube Villas Unidas, por suas contribuições para este artigo.